

INTERCOM 2006

Anais do
XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

Estado e Comunicação

4 a 9 de setembro

Universidade de Brasília



Estratégias de comunicação na facilitação de processo de gestão ambiental em comunidades ribeirinhas do Rio Madeira, Porto Velho – Rondônia.¹

Vânia Beatriz Vasconcelos de Oliveira²

Resumo

Para promover a participação dos atores sociais locais no processo de gestão dos recursos naturais em duas comunidades ribeirinhas do Rio Madeira (Porto Velho-RO), foram desenvolvidas estratégias de comunicação e educação, visando a construção de conhecimento sobre a realidade local e a gestão concertada dos recursos naturais, com base em grupos comunitários de estudos (GCE). Tendo como objeto de discussão: as oficinas como espaço de comunicação, as dinâmicas de grupo e as músicas populares empregadas nos eventos de sensibilização e capacitação dos agricultores familiares; faz-se aqui uma sistematização dessas informações, que, espera-se, venham contribuir com a construção de metodologias e práticas a serem empregadas na facilitação de processo de gestão participativa dos recursos naturais.

Palavras-chave

Comunicação ambiental; comunicação rural; gestão participativa; estudos em grupo.

1. Introdução

Em grande parte das comunidades ribeirinhas da Amazônia, o desmatamento e o aumento do esforço de pesca, têm implicado no surgimento de conflitos socioambientais decorrentes dessas atividades e conseqüentes impactos na produção agrícola/florestal pesca extrativista. As comunidades rurais do rio Madeira no entorno de Porto Velho, outrora fortemente caracterizadas pela atividade econômica extrativista nos seringais e a pesca, estão sendo desafiadas a minimizar a pressão sobre o uso dos recursos naturais em áreas de floresta e nas várzeas do Rio Madeira. Esse quadro, demanda o desenvolvimento de um processo articulado de gestão ambiental, mediador dos conflitos socioambientais e promotor de soluções sustentáveis na utilização dos recursos naturais, seja pela racionalização do uso ou pela recuperação da degradação ambiental causada.

1 Trabalho apresentado ao NP Comunicação Científica e Ambiental, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

2 Comunicóloga.(UFPa. 1983), Mestre em Extensão Rural (UFViçosa-2000). Pesquisadora Embrapa Rondônia. Caixa Postal, 715- CEP. 78.900-970. Porto Velho-RO. vania@cpafro.embrapa.br.



O manejo comunitário de recursos naturais, implica na gestão participativa, uma demanda freqüente na implantação de projetos que visam a proteção do meio ambiente e a promoção do desenvolvimento local sustentável. O enfoque participativo, apesar de diferentes origens, tem, dentre os aspectos em comum, o fato de basear no ‘local’ os elementos de construção de “saberes e acordos em relação à gestão da natureza” (Albaladejo & Veiga, 2002).

Para promover a participação dos atores sociais locais no processo de gestão dos recursos naturais nas comunidades de Cujubim Grande (74 famílias) e Porto Seguro (54 famílias) em Porto Velho-RO, foram desenvolvidas estratégias de comunicação e educação, visando a construção de conhecimento sobre a realidade local e a gestão concertada dos recursos naturais, por meio do projeto “Comunicação e Educação para Gestão Ambiental e Transferência de Tecnologias em Comunidades Ribeirinhas do Rio Madeira - Porto Velho – RO”, coordenado pela Embrapa Rondônia. A seleção das comunidades foi baseada em informações preliminares disponíveis em pré-diagnóstico e visitas *in loco*, onde se identificou claramente a necessidade de envolver as populações locais no processo de manejo e gestão dos recursos naturais, dadas as situações de conflito socioambiental presente, notadamente com relação ao uso dos recursos água, solos e florestas.

Em geral, as iniciativas que visam promover o desenvolvimento ordenado e sustentável dos recursos naturais de uma determinada comunidade, compreendem: diagnósticos da realidade, aplicação de recursos para infra-estrutura, projetos de pesquisa, e promoção de eventos de capacitação. Embora muitos trabalhos, nessa linha de atuação, façam referência ao uso de metodologias participativas, são poucos os que analisam o processo de integração dos conhecimentos tradicional e científico. Pode-se dizer que a proposta dialógica de Paulo Freire (1992) é muito mais estudada no meio acadêmico e aplicada na educação formal, do que no trabalho de extensão rural.

A implementação da gestão ambiental, entendida essencialmente como um processo de mediação de conflitos de interesses (Layrargues, 2002)³ demanda um espaço comunicacional que legitime a participação dos atores sociais envolvidos no processo de gestão e valorize os saberes tradicionais. O enfoque da comunicação como um processo integral é básico para quem está envolvido na facilitação do manejo participativo de recursos naturais, uma vez que neste processo, atores sociais, tanto locais como externos, cumprem diversos papéis e, são requeridas várias formas e vários espaços de relacionamento, para negociações e concertação.

³ Segundo LAYRARGUES (2002, pág. 95), a ação de transformação do meio ambiente, por ser realizada por sujeitos sociais diferentes, faz emergir a gestão ambiental entendida essencialmente como um processo de mediação de conflitos de interesses.



Neste contexto, o objetivo do trabalho é trazer contribuição para essa linha de atuação, abordando as estratégias de comunicação e educação adotadas: a relação dialógica na construção de saberes, as oficinas como espaço comunicacional, as dinâmicas de grupo empregadas nos eventos de sensibilização e capacitação, e a música como ferramenta auxiliar na reflexão. Com esse conjunto de técnicas e experiências abordadas neste artigo, espera-se contribuir com as reflexões e debates sobre a comunicação para o desenvolvimento local, e para a construção de metodologias motivadoras da participação dos atores sociais locais, a serem adotadas pela extensão rural.

2. As comunidades e os conflitos sociambientais

Cujubim Grande e Porto Seguro estão inseridas no contexto político do município de Porto Velho (8°45' 43" S, 63°54' 14"W), capital do Estado de Rondônia.

Cujubim Grande compreende uma área de 2.195,26 hectares, localizada à margem direita do rio Madeira, distante cerca de 38 km da sede do município. A população está estabelecida em propriedades que variam de 15 a 50 hectares. Dentre as iniciativas locais está o ordenamento da atividade pesqueira no Lago Cujubim Grande. Em caráter individual e em pequena escala, são desenvolvidas artesanalmente, atividades com produtos extrativistas: óleos (babaçu, copaíba), fibras (cestaria, vassouras), cerâmica, entalhes em madeira. Os conflitos existentes na área dizem respeito à questão fundiária e a diminuição do estoque pesqueiro de algumas espécies, principalmente aquelas de valor comercial, no lago. Os comunitários atribuem este declínio à degradação ambiental e ao esforço de pesca, decorrentes da proximidade dos lagos à cidade de Porto Velho, o que permite o deslocamento de um número significativo de “pescadores de fim-de-semana”. (OLIVEIRA et ali.,2004).

Na comunidade Porto Seguro, as famílias desenvolvem atividades agroextrativistas, agricultura e principalmente a pesca. Localiza-se em uma área de 1.987 hectares à margem esquerda do Rio Madeira, nas imediações da Cachoeira do Teotônio, a uma distância média de 28 km da sede do município de Porto Velho, por via terrestre e 23 km , por via fluvial. Tem em seus limites a Floresta Estadual Rio Madeira, o Rio Madeira, e os igarapés Jatuarana e Transval. Originariamente era uma comunidade de pescadores, que também em decorrência da escassez do recurso pesqueiro, foi guindada a condição de assentamento, na modalidade Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS) Porto Seguro, criado pelo INCRA em dezembro/2003.



3. Metodologia

O projeto compreende três Planos de Ação: Gestão dos Recursos Agroflorestais, Gestão dos Recursos Pesqueiros e Gestão do Processo de Comunicação, este compreende as atividades de comunicação, educação, planejamento participativo e construção coletiva do conhecimento; desenvolvidas transversalmente em todas as etapas e planos de ação do projeto, seja na capacitação para o trabalho em grupo, na comunicação para transferência de tecnologias, produção de recursos audiovisuais e inserção na mídia.

Para Herz (1999) a comunicação constitui uma parte substancial do processo de fortalecimento das diversas capacidades locais, assim como da articulação dos distintos atores sociais para a construção de uma alternativa de desenvolvimento sustentável com equidade. Deste modo, os procedimentos metodológicos estão fundamentados num processo socioeducativo que visa promover a participação dos atores locais na gestão e utilização dos recursos naturais. Trata-se de uma abordagem interdisciplinar e interinstitucional de gestão ambiental, cuja estratégia de execução compreende três etapas: sensibilização, estudos em grupo, e planejamento e difusão.

A etapa de sensibilização, compreende a motivação para participação no processo de gestão e a constituição de grupos comunitários de estudos (GCE). Os GCE são instâncias de discussões sobre a realidade local, constituídos por comunitários, técnicos e estudantes de instituições executoras e, ou parceiras do projeto, para gerar informações sobre aspectos ambientais, operacionais, legais e sócios econômicos das atividades produtivas das comunidades. Busca-se valorizar o saber local e gerar bases de informação e disseminação do conhecimento, tendo por princípio a ação participativa e a aprendizagem coletiva. No período de junho a dezembro de 2004, foram realizadas quatro oficinas de sensibilização, resultando na constituição de sete grupos de estudo, sendo quatro em Cujubim Grande e três em Porto Seguro.

Parte-se do pressuposto que a estratégia de estudos em grupo para geração de conhecimento, a partir da integração do conhecimento tradicional e o conhecimento científico, bem como a promoção de oficinas participativas, sejam formas mais adequadas para promover o diálogo e a concertação entre os atores sociais participantes do processo de gestão ambiental.

Na etapa de capacitação, durante o ano de 2005, os estudos em grupo se deram em excursões, cursos e Oficinas Integradas, reunindo participantes dos grupos, com as temáticas do açaí, babaçu, mandioca, plantas medicinais e peixes. Erros e acertos nas técnicas de comunicação empregadas nestas oficinas são o objeto de análise deste trabalho.



4. Oficinas como espaço comunicacional

A oficina é uma ferramenta de gestão participativa, quando os agentes ou facilitadores externos desenvolvem uma dinâmica de aprendizagem e compromissos mútuos, de maneira que, em conjunto, realizem as ações necessárias para alcançar os objetivos propostos. (RODRIGUES; SOTO, 1997). As oficinas de sensibilização tiveram por objetivo promover a mobilização da comunidade, discutir e introduzir a proposta de trabalho em grupo e, a constituição, elaboração e aprovação do regimento interno de funcionamento dos grupos comunitários de estudo.

Na etapa de estudos em grupo, as Oficinas foram denominadas de “integradas”, quando reuniam dois ou mais grupos de estudo. Em ambas as etapas, a dinâmica de grupo foi uma das técnicas aplicadas para promover a comunicação, efetivando a oficina como um espaço comunicacional, de construção de conhecimento de forma dialogada, levando em consideração, que no grupo se tinha comunitários com distintos níveis de escolaridade.

Vivência, dinâmica, técnica e jogo, são denominações de técnicas de trabalho com grupos, aplicadas ao processo de ensino aprendizagem. Segundo Militão, Albigenor & Rose (2005), *“Toda atividade que se desenvolve com um grupo, que objetiva integrar, desinibir, ‘quebrar o gelo’, divertir, refletir, aprender, apresentar, promover o conhecimento, incitar à aprendizagem, competir e aquecer, pode ser denominada dinâmica de grupo”*. Quando aplicadas na fase inicial do trabalho em grupo, as dinâmicas são classificadas como de inclusão (Costa, 2003).

Na aplicação de dinâmicas no processo de elaboração de plano de desenvolvimento em comunidade assentada, (Oliveira et alii 2003) identificaram resultados concretos da participação dos assentados, bem como, consideram que a aplicação de dinâmicas e a sistematização de seus reflexos na comunidade podem contribuir enormemente para subsidiar as ações dos profissionais responsáveis pelo acompanhamento da execução.

Em geral, para cada evento foram aplicadas três dinâmicas, uma inicial de integração, uma de reflexão sobre a temática principal da oficina, e uma de avaliação. Em ambas comunidades, para promover a discussão inicial sobre a formação de Grupos Comunitário de Estudos, como atividade de integração, foi aplicada a dinâmica “Nos conhecendo”, com o objetivo de estimulá-los a dar informações sobre si mesmos. Em Cujubim Grande, observou-se a prevalência do local de origem (naturalidade) como a característica mais mencionada na definição “eu sou”. A mesma dinâmica, planejada para aplicação em Porto Seguro, foi modificada, diante da observação ao longo do caminho, de que os lotes estavam identificados, uma prática que não é muito comum em assentamento recente; por isso, decidiu-se levantar informações sobre o nome dos sítios. Assim, foi proposto que cada participante se



apresentasse dizendo o seu nome, o nome do seu sítio e partilhasse uma informação sobre algo que gostasse muito.

No processamento da técnica, foi mencionada a importância em conhecer características do gosto pessoal dos componentes do grupo, que podem aproximá-los. Em Cujubim Grande, ressaltou-se as características mencionadas pelo grupo, consideradas importantes para o trabalho em grupo: gostar de trabalhar, de aprender e de sorrir. As afirmativas sobre “o amor a natureza”, serviram de ponto de partida para discutir as questões ambientais.

Em Porto Seguro, observou-se a prevalência de sítios com nome de santos, o que denota a religiosidade dos proprietários. Devido a alta frequência de citação da palavra “saúde”, como algo a ser alcançado, no quesito “eu gosto”, provocou-se discussão sobre qual seria o principal problema de saúde da comunidade. A malária, foi a resposta unânime. A doença ocorre todos os anos, mais frequentemente na época de “baixada das águas” (abril). O anúncio do nome de um sítio como “Arrependido”(Fig. 1), foi antecipado por risos. Posteriormente em comentário particular o proprietário explicou que o nome fora atribuído pelo morador anterior.

Uma dinâmica de sucesso

Na oficina que teve por objetivo promover a discussão inicial sobre o Monitoramento do Lago Cujubim com os membros do GCE-Peixe, foi aplicada a dinâmica ‘Qual é o meu sonho?’, com o objetivo de identificar as expectativas dos participantes (desejos e anseios) em relação ao projeto e ao futuro da comunidade e ao seu próprio futuro. No processamento desta dinâmica, observou-se a menção a sonhos de caráter individual e coletivo (*ser cantor, ter alguma coisa, servir ao próximo, ser bom sempre, ser pescador, ser advogado, terminar estudos, ser veterinária*). A facilitadora iniciou a reflexão, relacionando a realização dos sonhos à temporalidade, “podem ser realizados imediatamente ou podem demorar”, à dimensão “sonhar grande, sonhar pequeno” e à importância de estar organizados para realizá-los.

A dinâmica introduziu a discussão sobre a importância de estarem organizados para obter bons resultados com o manejo comunitário. Considerando o conflito relacionado ao uso do lago, discutiu-se a identificação de quem era quem no processo de manejo: “quem faz arrastão? Quem são os “invasores”? como os comunitários se referem aos pescadores que não moram na comunidade. Os participantes chegaram a conclusão que há dois tipos de “invasores”, os consentidos, aqueles que obtém acesso ao lago em troca de um “rancho”



(pacote de alimentos) ou de uma garrafa de cachaça; e há verdadeiros invasores, que acessam ao lago por dentro da mata, quebram cadeados e roubam canoas.

Ainda na temática dos conflitos presentes na comunidade, foram levantadas pelo grupo e discutidas as seguintes questões: a) a pequena participação dos moradores do entorno do Lago Cujubim nos grupos de estudo é atribuída ao fato de que muitos proprietários do entorno do lago moram na cidade; b) a população local não consome peixe do lago, uma vez que este não fica na comunidade, é entregue a atravessadores, que o revendem na cidade. c) a falta de valorização dos recursos naturais locais (*derrubam árvore de buriti para tirar o talo para fazer pipa, foi um exemplo citado*); d) Legislação – parte dos participantes dizem não acreditar em trabalho de conscientização, preferindo que se intensifique a fiscalização para cumprimento da legislação; e) Organização –concluem que esta passa pela superação dos problemas de divisão interna entre as lideranças locais.

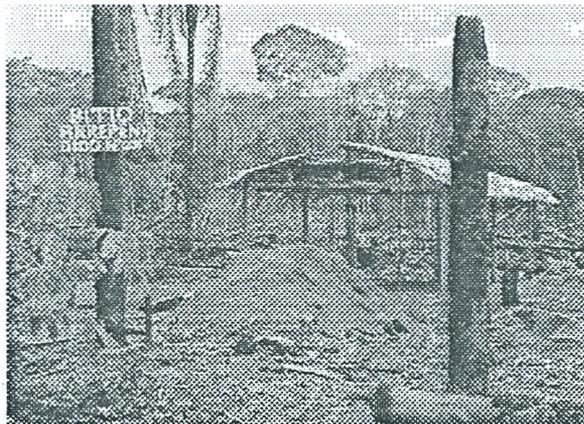


Figura 1 - Sítio Arrepellido, na comunidade Porto Seguro.

Uma dinâmica de aprendizado

Com o objetivo de conhecer os anseios do grupo em relação ao projeto e ao futuro do assentamento, foi aplicada na Comunidade Porto Seguro, uma dinâmica denominada “Viagem para o futuro”. A técnica foi adaptada da proposta “A viagem” (Costa op. cit., p. 40). Os materiais utilizados foram cavalete com papel madeira, tarjetas em forma de embarcações previamente preparadas, pincel atômico, canetas hidrocor e fita adesiva. Para a aplicação da técnica foram reproduzidas e ampliadas fotografias do rio Madeira e da Cachoeira e afixadas numa folha de papel no cavalete. (Fig 2)

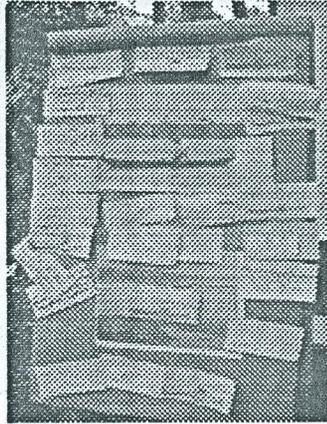


Figura 2 – cavelete com as tarjetas utilizadas na dinâmica

Na introdução da dinâmica, foi anunciado que todos os participantes ganhariam um “barco”, para fazer uma viagem imaginária, uma “viagem para o futuro”. Foi solicitado que dessem um nome para o barco e que escrevessem uma palavra ou frase, sintetizando para onde, ou por que canal (caminho), o barco iria navegar e o que o barco iria buscar alcançar. Antes de distribuir as tarjetas, os participantes foram orientados a solicitar ajuda, se tivessem dificuldade para escrever, ou que se preferissem, poderiam apenas falar sobre seu barco. De um grupo de mais de 30 pessoas, somente duas, um homem e uma mulher disseram, não ter “nenhum estudo” e foram ajudados pelas crianças presentes na reunião. Figura3.



Figura 3- As crianças participaram ajudando os adultos a escrever nas tarjetas.

Na avaliação da técnica observou-se que as imagens utilizadas provocaram uma reação positiva, comentários e identificação da pessoa que aparece na fotografia. Entretanto, as expectativas apresentadas foram em sua maioria de caráter pessoal, não correspondendo ao objetivo de identificar as expectativas em relação ao projeto e a atividade produtiva no futuro da comunidade, o que demonstra que não houve um claro entendimento da proposta. Para corrigir essa falha, no processamento, se provocou a discussão sobre o assunto.



Outra falha ocorreu na introdução a dinâmica, quando a facilitadora, na intenção de saber quantos participantes possuíam algum tipo de embarcação, formulou a pergunta da seguinte forma: “- *quem possui barco?*”. Apenas quatro pessoas responderam positivamente. Ao levantar a questão: - *se não têm barco, como pescam?*, foi esclarecido que não possuíam barco, mas sim canoa ou “rabeta” (*embarcação tipo lancha voadeira ou mesmo canoa, mas adaptada com motor estacionário*). A partir dessa discussão ficou compreendido, que quando falam de barco, estão se referindo as grandes embarcações que fazem transporte de passageiro.

Consideramos que a técnica é adequada, mas a orientação dos procedimentos, deve ser reformulada, de modo que os participantes exercitem realmente a viagem imaginária, tendo o barco representando o projeto, e a adesão ao projeto, significando o embarcar, “estar no mesmo barco” em busca do desenvolvimento pessoal e coletivo. As expectativas apresentadas foram sistematizadas em três categorias: bem-estar e lazer, infraestrutura, e produção e comercialização.

5. Músicas como dinâmica de reflexão e estudo em grupo

A música popular há muito tempo já empregada na educação formal, pode ser especialmente valiosa no processo de comunicação na educação não-formal, como ferramenta de sensibilização e motivação para a gestão ambiental. Nos eventos de sensibilização e oficinas de trabalho dos grupos de estudos adotou-se o uso de músicas, cuja escolha do repertório priorizou artistas regional, ou local, e letras que abordassem questões relacionadas ao tema das reuniões, como apoio à discussão e reflexão sobre as questões ambientais, gestão e uso dos recursos naturais.

No primeiro seminário de lançamento da “execução do projeto, foram utilizadas as músicas “Siglas” (Mota Júnior/Nilson Santos - Baaribu -SD) e “Pérola Azulada” (Zé Miguel e João Gomes - Zé Miguel – Acústico, 2001), que fazem tributo ao planeta Terra e conclamam o respeito à natureza. Na sensibilização e motivação para o trabalho em grupo foi utilizada a música “Todos Juntos” (Enriquez & Badotti –Os Saltimbancos . Trad. e Adap. Chico Buarque, 1977).

A música “Sabor Açai” (Nilson Chaves – in Zé Miguel op. cit), utilizada no estudo em grupo, sobre a cultura, foi a permitiu a discussão e geração do maior volume de informações sobre as práticas culturais, hábito de consumo e outros usos da planta, na construção e medicinal.



6. Conclusões e Recomendações

A organização de grupos de estudo em comunidades ribeirinhas do Rio Madeira é uma proposta metodológica em construção, por meio de um projeto que desenvolve estratégias de comunicação e educação para a gestão ambiental, afim de que, em última instância, os agricultores familiares possam obter novas alternativas de renda e amenizar o impacto sobre os recursos florestais e pesqueiros. Os primeiros eventos realizados confirmam as observações sensoriais de que ocorreram mudanças no ecossistema local, que demandam a geração de novos conhecimentos que orientem as políticas públicas para o setor. A geração destas informações, num processo participativo, desafia os profissionais da comunicação e disciplinas afins, a buscar formas de estabelecer uma relação dialógica com os atores sociais locais, para sensibilizá-los e motivá-los a participar do processo de gestão.

A estratégia de geração de conhecimento a partir da integração do conhecimento tradicional e o conhecimento científico, mostra-se adequada por promover a aproximação entre a equipe técnica e os agricultores familiares beneficiários. As oficinas participativas, confirmaram-se como um espaço comunicacional de troca de informações e de aprendizagem para os membros dos grupos, proporcionando aos comunitários e técnicos um espaço de reflexão, comunicação e síntese que lhes permitiu se expressar e tomar decisões sobre a realidade local.

A resposta a esse processo de gestão participativa já se observa em algumas iniciativas em andamento na comunidade, a exemplo da criação do grupo de Agentes ambientais Voluntários, que atuam na fiscalização sobretudo da atividade pesqueira no Lago Cujubim.

Em relação a atuação dos facilitadores deste processo, revela-se um campo amplo para que sejam criadas, ou adaptadas, dinâmicas de grupo, sempre com o objetivo de torná-las mais adequadas ao tema da oficina e à realidade ribeirinha. Entretanto, algumas considerações devem ser feitas com relação ao emprego das dinâmicas com músicas, não se trata apenas do uso lúdico das canções, mas os facilitadores devem analisar criteriosamente a mensagem das letras das músicas, para não incorrer na “imposição” de mensagens ideológicas.

Por fim, espera-se aprimorar a metodologia, contribuindo para promover a inserção de princípios da Educação Ambiental no processo de Pesquisa e Transferência de Tecnologia, em comunidades ribeirinhas, sistematizando métodos e procedimentos que possam ser empregados em outras comunidades, de modo a aumentar suas capacidades de administrar o uso dos recursos naturais de maneira sustentável.



Referências

- ALBALADEJO, Christophe; VEIGA, Iran. Agricultura familiar: pesquisa, formação e desenvolvimento. Vol I, No.3,2002- Belém: UFPA/CA/NEAF, 2002.
- COSTA, Eliane Porangaba. **Técnicas de Dinâmica: facilitando o trabalho com grupos.** Rio de Janeiro, WAK, 2003, 2^a.ed.
- DIEGUES, A. C. (Org.) Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. São Paulo: Hucitec, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** (Trad. Rosisca Darcy de Oliveira) São Paulo: Paz e Terra, 1992, 10 ed. 93 p. Coleção O Mundo Hoje, vol.24.
- HAMMES, V.S. (Ed.) Proposta metodológica de macroeducação. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2002.159p (Embrapa Informação Tecnológica. Educação Ambiental para o Desenvolvimento Sustentável,2).
- HERZ, Carlos Por uma comunicación participativa. In: **Revista Bosques, Arboles y Comunidades Rurales.** No. 30-31, p.23-28, mayo 1999.
- LAYRARGUES, Philippe Pomier . Educação para a Gestão ambiental: a cidadania no enfrentamento político dos conflitos socioambientais. In: **Sociedade e Meio ambiente: a educação ambiental em debate.** / Carlos Frederico Bernardo Loureiro, Philippe Pomier Layrargues , Ronaldo Souza de Castro (orgs) – 2. ed. – são Paulo: Cortez, 2002.
- MILITÃO, Albigenor & Rose. **Jogos, dinâmicas e vivências grupais: como desenvolver sua melhor “técnica” em atividades grupais.** Rio de Janeiro: Qualitymark Editora, 2000.248p.7^a.reimp.
- OLIVEIRA, V. B. V . et ali. **Dinâmicas de grupo no planejamento participativo para o desenvolvimento local sustentável do Assentamento Asa do Avião,** Machadinho do Oeste-Rondônia. Porto Velho: Embrapa CPAF Rondônia, 2003 25p (Doc. 65);
- OLIVEIRA, Vânia Beatriz Vasconcelos, RODRIGUES, Vanda Gorete Souza; SILVA, Rosana Maria Passos. Desenvolvimento sustentável e integrado de agricultura e pesca familiares em comunidades do rio Madeira em Rondônia. In: SEMINÁRIO DE GESTÃO AMBIENTAL DA AQUICULTURA/PESCA,1., 2004: Cabo Frio. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. CD-ROOM.
- PEREIRA, Henrique Santos e PINTO, José Ribamar Silva: Etnoconservação da Fauna Aquática no Médio Amazonas: situação atual e perspectivas. [online] Disponível em: <<http://www.nerua.inpa.gov.br/nerua/15.htm>> Acesso em: 12 mar.2003.
- RODRÍGUEZ, Silvia; SOTO, María Antonieta Camacho . **El taller participativo: Una herramienta para hacer vida la convención de la diversidad Biológica.** Série de Cuadernos Didácticos CAMBIOS No.1, EUNA,1997.